



| | | |
|--|---|--|
| NOME: | | |
| DATA: | TRABALHO DE RECUPERAÇÃO – 1º TRIMESTRE | |
| TURMA: | DISCIPLINA: | |
| PROFESSOR (A): | NOTA: | |
| ASSINATURA DOS PAIS E/ OU RESPONSÁVEIS: | | |

TRABALHO DE RECUPERAÇÃO – 1º TRIMESTRE/ 2020

Leia o fragmento abaixo extraído do segundo capítulo do livro “ Raptado”, escrito por Robert L. Stevenson e responda ao que se pede.

No primeiro capítulo o leitor fica conhecendo o jovem David Balfour, cujos pais haviam morrido recentemente. Seu pai determinara, antes de morrer, que David deveria partir de Essendan, sua terra natal, para a casa de um tio, na aldeia de Cramond. Assim ele fez, levando uma carta de apresentação assinada por seu pai. No segundo capítulo, David chega ao seu destino, depois de dois dias de caminhada.

Chego ao fim da viagem

Robert Louis Stevenson

[...]

1 Mais adiante, disseram-me que eu me encontrava no povoado de Cramond, e comecei a perguntar pela casa de Shaws. Era uma palavra que parecia surpreender àqueles a quem eu pedia informações. A princípio pensei que minha aparência humilde, meus trajes de camponês e toda a poeira da estrada contrastavam com a grandeza do lugar para onde me dirigia. Mas depois que duas ou três pessoas me lançaram o mesmo olhar e me deram a mesma resposta, comecei a desconfiar de que havia algo estranho com os próprios Shaws.

2 Para evitar esse tipo de problema, mudei a forma de minhas indagações; e vendo um tipo de aparência honesta vindo pelo caminho, sentado no varal de sua carroça, perguntei--lhe se já ouvira falar de uma dita casa de Shaws.

3 Ele parou a carroça e me olhou da mesma forma que os outros.

4 — Sim — respondeu. Por quê?

5 — É uma casa grande? — Perguntei.

6 — Com certeza — disse ele. É uma casa grande e esquisita.

7 — Sei. E a gente que mora nela?

8 — Gente? — Perguntou. — Você é bobo? Não tem ninguém lá... que possa se chamar de gente.

9 — O quê? — Disse eu. — E o senhor Ebenezer?

10 — Hum, sim — tornou o homem. O dono da casa sim, claro, se é ele quem você procura.

Que tipo de negócio você tem com ele, mocinho?

11 — Disseram-me que eu conseguiria uma colocação — expliquei, procurando ser o mais humilde possível.

12 — O quê? Gritou o carroceiro, de uma forma que assustou até o cavalo. — Bem, mocinho — acrescentou ele —, não tenho nada com essa história; mas você parece ser um tipo decente; e se quer um conselho, fique longe dos Shaws.

13 A pessoa com quem cruzei em seguida era um homenzinho elegante, com uma bela peruca, que logo percebi ser o barbeiro fazendo sua ronda; e sabendo muito bem que os barbeiros costumam ser fofoqueiros, perguntei-lhe abertamente que tipo de homem era o senhor Balfour de Shaws.

14 — Ora, ora, ora — disse o barbeiro —, aquilo nem chega a ser um homem. [...]

15 Não consigo descrever a decepção que isso me causou. Quanto mais vagas eram as acusações, menos eu gostava delas, pois deixava mais campo à imaginação. Que diabos de grande casa era essa, que toda pessoa se surpreendia e olhava de lado quando pergunta- da sobre ela? Que

espécie de fidalgo era aquele, cuja má fama corria mundo? Se com uma hora de viagem eu pudesse voltar a Essendean, eu acabaria a minha aventura ali mesmo, e voltaria para a casa do senhor Campbell. Mas, uma vez que eu tinha viajado para tão longe, eu iria até o fim para tirar o caso a limpo, nem que fosse só pela vergonha de desistir antes do tempo; por uma questão de amor próprio, eu tinha de continuar; e por menos que eu gostasse do que me diziam, e por mais devagar que eu viajasse, continuava perguntando o caminho e indo adiante.

16 Já estava começando a anoitecer quando encontrei uma mulher corpulenta, escura, com expressão amargurada, que vinha descendo um morro penosamente; e quando lhe fiz minha pergunta de sempre ela deu um giro brusco, acompanhou-me morro acima retomando o caminho que acabara de fazer, e apontou o grande vulto do edifício solitário no meio do campo verde no fundo do vale. As cercanias eram muito agradáveis, com muitas colinas, com muitas águas e bosques, e a meu ver as colheitas deviam ser excelentes. Mas a casa era uma espécie de ruína; nenhum caminho levava até ela; de suas chaminés não saía nenhuma fumaça; nada havia nela que lembrasse um jardim. Senti um peso no coração.

17 — Aquilo! — Gritei.

18 O rosto da mulher teve um brilho de raiva maligna.

19 — Aquela é a casa de Shaws! — exclamou. — O sangue a edificou, o sangue interrompeu sua construção, o sangue a destruirá. Olhe aqui! — continuou a mulher aos berros —, cuspo no chão e estalo os dedos para amaldiçoá-la! Sua queda será terrível! Se você encontrar o dono da casa, diga-lhe o que ouviu; diga-lhe que esta foi a milésima ducentésima quinta vez que Jennet Clouston amaldiçoou a ele, suas propriedades, sua família, incluindo estábulo, hóspedes, homens, mulheres e crianças — terrível, terrível será sua queda!

20 E a mulher, cuja voz assumira um tom de cantilena antiga, girou com um salto, e se foi. Fiquei onde ela me deixou, com os cabelos em pé. Naquele tempo as pessoas ainda acreditavam em bruxas e tremiam diante de uma maldição; e aquela, que parecia vir bem a propósito para impedir que eu realizasse meus planos, me deixou de pernas bambas.

21 Sentei-me e fiquei olhando a casa de Shaws. [...] Finalmente o sol desapareceu e eu vi, contra o fundo amarelo do céu, uma espiral de fumaça subindo, não muito mais grossa que a fumaça de uma vela, segundo me pareceu; mas de qualquer maneira lá estava ela, e significava fogo, calor e comida, e algum habitante que devia tê-lo acendido; e isso confortou meu coração.

22 Comecei a andar em direção à casa por uma trilha quase imperceptível. Era uma trilha tão indefinida que dificilmente poderia ser o único caminho que levava à casa; mas não vi nenhum outro. O caminho passava por colunas de pedra, com uma cabana destelhada do lado, encimadas por brasões. Evidentemente aquilo deveria ter sido a entrada principal, nunca concluída; ao invés de portões de ferro batido, havia um par de obstáculos improvisados, amarrados com uma corda; e como não havia muros que circundassem um jardim, nenhum sinal de alameda, a trilha que eu seguia passava à direita das colunas e levava à casa.

23 Quanto mais perto eu chegava, mais lúgubre ela parecia. Dava a impressão de ser a única ala de uma casa cuja construção nunca fora concluída. Os andares de cima estavam abertos e elevavam-se contra o céu, com degraus e escadarias inacabadas. Muitas das janelas não tinham vidraças, e os morcegos entravam e saíam com toda familiaridade, como pombos num pombal.

24 A noite começara a cair quando cheguei mais perto; e em três das janelas do térreo, que ficavam a grande altura, eram pequenas e muito bem guarnecidas de barras, começou a brilhar a luz trêmula de uma pequena chama.

[...]

25 Aproximei-me com cuidado, e pondo-me à escuta, ouvi alguém mexendo em pratos, e uma tossezinha seca e impaciente que ia e voltava; mas não se ouvia nenhuma voz, nem o latido de um cão.

26 A porta, pelo que pude ver àquela fraca luz, era uma grande peça de madeira toda guarnecida de cravos; sem muito ânimo, levantei a mão e bati à porta uma vez. Parei e esperei. A casa caíra num silêncio mortal. Passou-se um minuto, e nada se mexia além dos morcegos lá no alto. Bati novamente, e novamente me pus a escutar. Àquela altura meus ouvidos estavam tão afinados com o silêncio que eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio dentro da casa marcando devagar os segundos; mas a pessoa que estava dentro da casa continuava quieta, e devia ter prendido a respiração.

27 Eu estava em dúvida se devia fugir; mas a raiva foi mais forte e comecei a martelar a porta incessantemente e a gritar bem alto chamando o senhor Balfour. Eu estava em plena ação, quando

ouvi a tosse bem acima de minha cabeça. Dando um salto para trás e levantando a vista vi a cabeça de um homem com um gorro comprido, e a boca de sino de um bacamarte, em uma das janelas do primeiro andar.

28 — Está carregado — disse a voz.

29 — Vim aqui com uma carta — disse eu — para o senhor Ebenezer Balfour de Shaws. Ele está aqui?

30 — De quem é a carta? — Perguntou o homem do bacamarte.

31 — Isso não vem ao caso — respondi, porque já estava ficando furioso.

32 — Bem — disse ele —, você pode deixar a carta aí na porta e dar o fora.

33 — Não vou fazer isso — gritei. — Vou entregar essa carta nas mãos do senhor Balfour como me propus a fazer. É uma carta de apresentação.

34 — Carta de quê? — Gritou a voz, rispidamente.

35 Repeti o que havia dito.

36 — Quem é você? — perguntou ele depois de um longo silêncio.

37 — Não me envergonho do meu nome — respondi. — Chamo-me David Balfour.

38 Ao ouvir estas palavras, o homem estremeceu; estou certo disso porque ouvi o bacamarte raspar o peitoril da janela; e foi depois de uma pausa ainda maior, e com uma curiosa mudança de voz que ele fez mais uma pergunta:

39 — Seu pai morreu?

40 Fiquei tão surpreso que não tive voz para responder, e fiquei olhando.

41 — Sim — continuou o homem —, sem dúvida ele deve ter morrido e é por isso que você veio bater à minha porta.

42 Mais uma pausa, depois do que ele falou num tom de desafio.

43 — Bem, homem, vou deixar você entrar.

44 E desapareceu da janela.

Robert L. Stevenson. *Raptado*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 1997.

QUESTÃO 01– Qual é a expectativa do narrador, que se torna também expectativa do leitor? Elabore um parágrafo explicando se é uma expectativa otimista ou pessimista e o que provoca o aumento de sua intensidade.

QUESTÃO 02– O capítulo que você acaba de ler pode ser dividido em dois segmentos, cada um estabelecendo uma longa expectativa.

1º PASSO: Faça a divisão do texto indicando o parágrafo inicial e final de cada um dos segmentos.

2º PASSO: Dê um título a cada segmento indicando claramente a expectativa vivida pela personagem.

Por exemplo:

1º segmento: do parágrafo 52 até o 64.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO

ESCREVENDO UMA NARRATIVA FICCIONAL

Instruções:

1. O foco narrativo deve estar em 3ª pessoa, ou seja, o narrador não participará da história.
2. Comece contando quem são as personagens, onde estão e por que estão nesse lugar (imagem 1).
3. Em seguida, narre o encontro das personagens com o cão bravo (imagem 2). Aproveite para descrever o animal e conte com detalhes a reação das personagens. Invente à vontade. Lembre-se de que as personagens podem ter reações diferentes.
4. Utilize o discurso direto e o indireto.
5. Crie um final para a história. Ao terminar a primeira versão, faça uma revisão do conteúdo e da linguagem. E dê um título ao texto.

Imagem 1



Disponível em: <http://cliquetando.xpg.com.br/2013/07/11-dicas-para-um-bom-piquenique-de-ferias-com-as-criancas.html>. Acesso em 19 de junho de 2020.

Imagem 2



Disponível em: <https://nossagente.info/2019/12/17/cachorro-foge-e-morde-mulher-em-prudentopolis/>. Acesso em 19 de junho de 2020.

Título: _____

| | |
|----|--|
| 01 | |
| | |
| | |
| | |
| 05 | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| 10 | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| 15 | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| 20 | |
| | |
| | |

| | |
|----|--|
| | |
| | |
| 25 | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| 30 | |